



# **O processo de ensino aprendizagem: uma reflexão sobre a disciplina de prática de conjunto na orquestra jovem de sopros e percussão da FAMES e os meios tradicionais de ensino**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁRIA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Kaio Marcos Coutinho de Souza Oliveira*

*FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo) - kaiomcso@gmail.com*

*Eduardo Gonçalves dos Santos*

*FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo) e UFBA (Universidade Federal da Bahia - educlarinetista@hotmail.com)*

**Resumo:** A estrutura metodológica da prática de banda se assemelha ao ensino tradicional da escola regular. A proposta deste trabalho é caracterizar o grupo de estudo selecionado (a Orquestra Jovem de Sopros e Percussão da FAMES), definir o processo de ensino tradicional, que será o ponto referencial nas comparações com a prática coletiva de banda, e, por fim, evidenciar relações entre as duas práticas.

**Palavras-chave:** Orquestra Jovem de Sopros e Percussão da FAMES. Prática de conjunto. Abordagem tradicional de ensino. Ensino e aprendizagem.

**The Process of Teaching and Learning: a reflection on the discipline of collective practice in the Youth Woodwinds and Percussion Orchestra of FAMES and traditional ways of teaching**

**Abstract:** The methodological structure of music band practice resembles to traditional education of regular school. The purpose of this work is to characterize the research group (Youth Woodwind and Percussion Orchestra of FAMES), to define the process of traditional education, which will be the reference point in the comparisons with the collective band practice, and, finally, to show relations between those two practices.

**Keywords:** Youth Orchestra Woodwind and Percussion of FAMES. Collective practice. Traditional education. Learning and teaching.

## **1. Introdução**

Porque focar uma pesquisa em uma banda de música? Vicente Salles (2004: 222) afirma que “A banda de música ainda é a mais antiga e menos estudada instituição ligada à criação e divulgação de música popular”. Felizmente, o cenário em que pesquisa e bandas de música (com enfoque nas formações baseadas em instrumentos de sopro e percussão) se convergem entrou numa considerável efervescência nos últimos anos, ainda que timidamente quando comparado a outras áreas de pesquisa em música.

A banda de música composta por instrumentos aerofones é entidade antiga no Brasil. Depois de ser trazida pelos portugueses, a banda de música se associou fortemente aos costumes locais, se tornando parte importante em ritos religiosos, comemorações civis (como o Carnaval) e militares e no cotidiano da população (rural e urbana), desde simples

apresentações na praça e participações em rifas e passeatas até campanhas políticas. Desde o período colonial assumiu várias nomenclaturas<sup>1</sup> e formações (CAJAZEIRA, 2007).

Outro aspecto importante que caminha junto com a banda de música é o da educação. Regina Cajazeira (2007: 27) afirma que “Na maioria das cidades do interior, a única escola de música existente é a escola da filarmônica” (um dos nomes da banda de música). Por carregar cultura tradicional da educação musical (da qual fazem parte ritmo, melodia, harmonia e a notação), a entidade acaba se tornando um centro de formação de músicos auto-suficientes, já que ela mesma qualifica sua mão-de-obra de maneira ininterrupta: “a formação do músico acontece dentro da própria corporação” (BORGES apud CAJAZEIRA, 2007: 27).

Visto que a prática coletiva de banda/orquestra é uma ferramenta importante e preciosa no fazer musical, é importante que se desenvolva pesquisa científica nessa subárea da música. Com um dos grupos atuantes dentro da instituição selecionado para amostragem, o presente trabalho propõe, inicialmente, caracterizar a Orquestra Jovem de Sopros e Percussão da FAMES, passando por sua ementa enquanto disciplina do Curso de Formação Musical (CFM), definir o processo educacional tradicional e ainda evidenciar relações entre as duas práticas.

## **2. A Orquestra Jovem de Sopros e Percussão**

O funcionamento da Orquestra Jovem de Sopros e Percussão da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) começou em 2008, ainda sob o nome de Banda Experimental da FAMES, durante a gestão do diretor Edilson Barboza. Após o começo bem sucedido da Banda Sinfônica da FAMES (outro grupo da instituição) em 2007, também fundada e coordenada pelo professor Marcelo Madureira com a intenção de atender as necessidades dos alunos da graduação em música, percebeu-se a imprescindibilidade de criar outro grupo que atendesse outro nicho existente na faculdade: os alunos do curso de extensão.

O Curso de Formação Musical (CFM) oferece formação instrumental básica em diversos instrumentos e dura quatro anos, de acordo com a grade curricular válida desde 2012. Entre as disciplinas ofertadas, encontra-se a de Prática de Conjunto, cursada nos anos III e IV, com duração de 32h. A ementa da disciplina, encontrada no Manual do Aluno - CFM<sup>2</sup> assegura o “Desenvolvimento de habilidade específicas da prática instrumental em grupo. Realização de repertório orquestral ou de Banda, envolvendo música em diferentes idiomas, estilos compositores e épocas.”

A intenção ao criar o grupo era proporcionar a prática coletiva dentro da capacidade técnica dos estudantes, por isso, são executados repertórios de nível básico e intermediário. No início o maestro Gilson Silva fazia arranjos e adaptações condizentes com a maturidade musical do grupo: “escrevi muitos arranjos para o grupo e adaptei muitas obras para que o mesmo pudesse tocar” (SILVA, 2014). Com o andamento das atividades e aumento da demanda, o grupo deixou de ser de participação exclusiva de alunos do CFM, e hoje atende também alunos da Licenciatura e pessoas da comunidade.

### **3. Conceitos e Reflexões Acerca do Processo de Ensino e Aprendizagem**

José Carlos Libâneo afirma que “Não há sociedade sem prática educativa e nem prática educativa sem sociedade” (LIBÂNEO, 2006: 17). Logo se esclarece que a educação é uma ferramenta básica no funcionamento e continuidade da vida humana. Ela preparará novos indivíduos para que estes se relacionem com as várias esferas da sociedade (política, economia, cultura, etc.) e a mantenham. A educação desenvolverá suas capacidades motoras, cognitivas, culturais e psicológicas.

Mas o que é educação? Para Libâneo (2006) educação é um conceito lato. É o processo de desenvolvimento da personalidade individual, sempre com um objetivo social. Toda sorte de influências e interferências sofridas pelo indivíduo que direta ou indiretamente culminarão na formação de seu caráter, personalidade social, visão de mundo, convicções políticas e ideológicas e até em sua maneira de encarar situações cotidianas determina o que é educação.

Então o que acontece dentro da escola é educação? Também. Porém Libâneo chama o processo de formação intelectual e o desenvolvimento das capacidades cognitivas através de conhecimentos sistematizados de *instrução*.

Além de definir educação e instrução, Libâneo define ensino: “O *ensino* corresponde a ações, meios e condições para a realização da instrução; contém, pois, a instrução” (LIBÂNEO, 2006: 23). Em complemento, Saviani (2008: 5) diz que “a escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente”.

Não seria possível que ao longo da história humana se concebesse somente um modo de reproduzir conhecimentos anteriormente adquiridos por um determinado grupo social. Para Mizukami (2001) a educação acontece de várias formas diferentes, devido à sua natureza mutável, multidimensional, e, sobretudo, humana.

Das várias abordagens de ensino tratadas por Mizukami (2001) em seu Ensino: as abordagens do processo, em que estão inclusas, a comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural, a escolhida para dialogar com a prática coletiva de banda foi a abordagem tradicional. Essas abordagens, ainda que categorizadas e individualizadas, “não têm limites totalmente fixos e que as abordagens teóricas não se constituem em referenciais totalmente puros e fechados, sem pontos de interligação” (SANTOS, 2005: 27).

A abordagem tradicionalista é validada por uma prática solidificada através do tempo e de gerações, não sendo previamente teorizada. Procura mostrar ao aluno conhecimentos clássicos e grandes realizações da humanidade. Privilegia modelos prontos e, principalmente, o professor.

“A relação professor-aluno é vertical, sendo que um dos pólos (o professor) detém o poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula etc.” (MIZUKAMI, 2001: 14). O professor conduz a sala de aula e toda forma de expressão que acontece dentro. Sua função básica é de mediador: ele é quem faz a ligação entre o conteúdo oferecido pela escola e o aluno, que deve recebê-lo e ter capacidade de repeti-lo.

Santos (2005: 22) esclarece os principais componentes da abordagem tradicional de ensino:

<b>A escola</b>	Lugar ideal para a realização da educação. Organizada com funções claramente definidas. Normas disciplinares rígidas. Prepara os indivíduos para a sociedade.
<b>O aluno</b>	É um ser “passivo” que deve assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor. Deve dominar o conteúdo cultural universal transmitido pela escola.
<b>O professor</b>	É o transmissor dos conteúdos aos alunos. Predomina como autoridade.
<b>Ensino e aprendizagem</b>	Os objetivos educacionais obedecem à seqüência lógica dos conteúdos. Os conteúdos são baseados em documentos legais, selecionados a partir da cultura universal acumulada. Predominam aulas expositivas, com exercícios de fixação, leituras-cópia.

Tabela 1: Elementos relevantes na abordagem tradicional (SANTOS, 2005: 22).

O processo de ensino e aprendizagem acontece quase exclusivamente dentro da sala de aula, lugar onde os alunos recebem a instrução e reproduzem modelos. Libâneo (2006:

78) descreve o processo: o professor transmite o conteúdo, os alunos recebem e praticam através de exercícios e aplicam o conteúdo na prova.

Apesar de parecer um sistema opressor e, na maioria dos estabelecimentos de ensino de fato ser, esse meio de ensino se torna dominativo e autoritário em sua aplicação por variadas razões, desde ter se tornado hábito e demandar muito esforço e tempo para transformar o ensino, ou simplesmente despreparo dos docentes, das escolas e das autoridades. Tais motivações, porém, não se encaixam na proposta deste trabalho.

Libâneo (2006: 78), ao tratar do processo de ensino e aprendizagem tradicional, traz críticas construtivas ao sistema, mostrando seu ponto de vista sobre como otimizá-lo. “O elemento ativo é o professor que fala e interpreta o conteúdo. O aluno [...] tem uma atividade muito limitada e um mínimo de participação na elaboração dos conhecimentos [...]”. Entretanto isso não deve ocorrer. O ensino deve ir além: o aluno deve ser elemento ativo no processo, afinal, é ele a razão do mesmo acontecer. O professor e o aluno devem interagir de forma que o conhecimento se faça útil e o aluno tenha capacidade aplicá-lo dentro da escola e fora dela, na sua vida cotidiana.

O ensino que busca apenas a transmissão do conteúdo proposto falha ao não preparar o aluno de forma a desenvolvê-lo em sua intelectualidade e pensamento crítico. Suas dificuldades não percebidas e a capacidade de assimilar conteúdos mais complexos não é verificada. Como resultado, o aluno fracassa. Libâneo (2006) afirma que o verdadeiro ensino busca a compreensão, não simplesmente a aptidão pela repetição. O aluno deve ser avaliado o tempo inteiro para que o professor possa detectar seus obstáculos educacionais.

O ensino é um processo, ou seja, caracteriza-se pelo desenvolvimento e transformação progressiva das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades, e sua aplicação. Por isso, obedece a uma direção, orientando-se para objetivos conscientemente definidos; implica passos gradativos, de acordo com critérios de idade e preparo dos alunos. O desdobramento desse processo tem um caráter intencional e sistemático, em virtude do qual são requeridas as tarefas docentes de planejamento, direção das atividades de ensino e aprendizagem e avaliação (LIBÂNEO, 2006: 79).

Com os questionamentos até aqui levantados, fez-se necessária uma entrevista com o Maestro Gilson Silva, na qual foram discutidos conceitos do processo de ensino e aprendizagem. Perguntado sobre as semelhanças do processo de ensino da música através da prática coletiva e o processo tradicional (verificado nas escolas regulares), Gilson Silva defende que uma boa metodologia dialoga com o passado, o presente e o futuro. Também diz não acreditar na possibilidade de se romper completamente com as tradições a fim de criar-se

um modelo de ensino inteiramente novo. Maestro e modelo tradicional (MIZUKAMI, 2001) concordam que os alunos precisam ter contato com as grandes realizações da humanidade, seja num contexto geral (a escola regular) ou musical, afinal é necessário “prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e transformá-lo” (LIBÂNEO, 2006: 17).

Campos (2008: 107) esclarece que comumente nas bandas brasileiras “o aprendizado dos elementos da linguagem musical não constitui prioridade, considerando que as apresentações são constantes e os ensaios não são suficientes para privilegiar teoria e prática. [...] ao privilegiar as apresentações públicas, organiza o tempo e as atividades de maneira a preparar a performance do grupo para a execução de um repertório determinado.” Esse aspecto também é descrito pelo maestro Gilson, que completa dizendo que “assistiríamos um cenário muito mais fortificado se o foco inicial fosse o músico.”

A participação efetiva do aluno no grupo reafirma os conhecimentos básicos dos estudantes e oferece a possibilidade de praticar conhecimentos individuais adquiridos nas aulas de instrumento. Funciona ainda, “como elemento de articulação entre classes teóricas e instrumentais, trazendo elementos e discussões importantes para que este aluno seja capacitado para desafios futuros” (SILVA, 2014).

### **3. Conclusão**

O processo de ensino tradicional aplicado na sala de aula regular descrito por Libâneo (2006) em que o objetivo principal é transmitir o conteúdo para o aluno, para depois avaliá-lo a fim de medir o resultado do ensino oferecido, se aproxima da realidade das bandas de música brasileiras:

Sobre a educação musical desenvolvida pelas bandas e fanfarras, constata-se que o conhecimento dos elementos musicais, a criatividade e a percepção auditiva não são devidamente explorados. Apesar de a execução instrumental constituir atividade principal, a urgência no domínio de um repertório específico redundando em uma falta de sistematização de ensino musical, ocasionando em um envolvimento quase exclusivo com as apresentações públicas. Parece mesmo que os objetivos e as funções das corporações se direcionam, predominantemente, na execução instrumental, fazendo com que os ensaios girem em torno da preparação do repertório – o que acarreta em grandes lacunas no que se refere a uma educação musical mais ampla e a um aprendizado instrumental mais adequado (CAMPOS, 2008: 110).

Como é perceptível, do mesmo modo que a capacidade do aluno em reproduzir conteúdos na avaliação se torna prioridade, as apresentações e execuções públicas do

repertório aprendido na banda, transfigura-se como objetivo final e produto da educação musical coletiva.

Libâneo (2006) atenta para fatores primordiais que são desconsiderados durante o processo de formação do indivíduo, como a aplicabilidade do conteúdo na vida cotidiana, a autonomia do aluno e a restrição do ensino à sala de aula. No caso das bandas, o foco exacerbado em apresentações erra ao não se preocupar no aprendizado efetivo do aluno-músico num fazer musical de qualidade.

Na Orquestra Jovem, foi observado um cenário diferente. Um fator essencial para que a educação tradicional seja plena, proveitosa e atinja seus objetivos programados, o educador consciente, está presente na orquestra. A figura do professor, na escola tradicional e na prática de banda/orquestra, assume um papel protagonista: detém os poderes decisórios sobre a aula, os elementos principais do ensino e as relações tecidas em sala. Na FAMES, o maestro Gilson Silva tem conhecimento do seu papel no processo de ensino da música no ambiente da orquestra:

Acredito que seja impossível desarticular processos de aprendizado rompendo com a tradição para dar forma a um novo modelo de ensino. Os grandes mestres deixaram legados e comportamentos que partem de uma tradição até conseguirem afirmar a sua identidade. Na composição, por exemplo, Beethoven foi aluno de Haydn e as suas primeiras obras tinham características genuinamente clássicas, em algum momento vê-se a necessidade de acrescentar algo mais a este modelo e vemos o nascimento do romantismo. Analogamente, é isto que deveria acontecer com o processo de ensino/aprendizado, onde os métodos tradicionais podem ser utilizados como ponto de partida para novas metodologias (SILVA, 2014).

A ausência de obrigatoriedade constante de se apresentar (confirmada pela frequência semestral de concertos) contribui no fazer musical efetivo concentrado no desenvolvimento do aluno, que participa da Orquestra Jovem.

Contudo, como abordado pelo regente Gilson, podemos concluir que os métodos tradicionais são sim, importantes, afinal o conhecimento é uma manifestação social contínua, que não deve ser ignorada. Também é necessário perceber que o professor, ainda que detentor do poder decisório na condução do ensino (escolha da metodologia, conteúdos, avaliação, etc.) não deve assumir o papel principal, sendo este o do aluno, a razão do processo. Toda bagagem cultural e social que o aluno leva para a aula ou ensaio, reflete no ensino (SOUZA, 2004).



## Referências:

- CAJAZEIRA, Regina. *A importância das bandas na formação do músico brasileiro*. In: CAJAZEIRA, Regina; OLIVEIRA, Alda (Org.). *Educação musical no Brasil*. Salvador: P&A, p. 24-28, 2007.
- CAMPOS, Nilcéia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 19, mar., p. 103-111, 2008.
- LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*, 1986. 21ª reimpressão, São Paulo: EPU, 2001.
- SANTOS, Roberto Vatan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. *Revista Integração*, São Paulo, ano XI, n. 40, jan.- mai., p. 19-31, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Edição comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SALLES, Vicente. Banda de música: tradição e atualidade. *Anais do VI Encontro de Musicologia Histórica*, Juiz de Fora, jul., p. 222-230, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- SILVA, Dados do Maestro Gilson Pereira. [mensagem pessoal]. [Vitória]. Correspondência via internet de Gilson Pereira Silva a Kaio Marcos Coutinho de Souza Oliveira. From: <gilconductor@yahoo.com.br> to <kaiomcsoliveira@hotmail.com>. Quinta-feira, 20 de Novembro de 2014.
- SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, mar., p. 7-11, 2004.

---

<sup>1</sup> [...] após a abolição da escravatura, alguns fazendeiros, junto com comerciantes e pessoas da comunidade, formaram sociedades civis, usando a nomenclatura de filarmônica, euterpe, lira, clube recreativo e musical corporação ou grêmio beneficente, operárias ou conspiradoras. Todas tinham o objetivo de manter a banda de música (CAJAZEIRA, 2007: 26).

<sup>2</sup> Manual do Aluno - CFM: o documento se encontra disponível na Biblioteca Jones dos Santos Neves, FAMES. Praça Américo Poli Monjardim - 60 - Centro - CEP: 29010-640 - Vitória - ES.